

# O suicídio entre jovens negros na perspectiva Durkheimiana

Gilberto Orácio de Aguiar\*

## Introdução

*“A carne mais barata do mercado  
é a carne negra...”*

Seu Jorge, Marcelo Yuca e Wilson Capellette

As pesquisas do IBGE mostram que o número de jovens negros que se suicidam é bem maior do que de jovens brancos. Isto não é de agora! Na história dos negros e negras em nosso país uma das formas de demonstrar descontentamento com a situação de escravidão e demonstrar sua resistência ao sistema de escravismos as pessoas escravizadas se suicidavam. Ao lado do banzo, forma de depressão em que o negro ou a negra alimentava uma tristeza doentia, às vezes até à morte, os negros/as escravizados/as procuravam o suicídio para fugirem do sistema de escravidão que não suportavam mais. Era preferível morrer a viver naquela situação de degradação humana. E na atualidade o que foi passado continua registrado na memória social relegando as populações afro brasileiras ao seu lugar de escanteio na sociedade brasileira. Desde pequenos os negros e as negras aprendem o seu lugar de inferioridade ao sol.<sup>1</sup>

---

\* O autor deste artigo é Gilberto Orácio de Aguiar, Mestre em Ciência da religião pela UCG e Doutorando em Ciências Sociais pela PUC/SP.

<sup>1</sup> “É através da educação que a herança social de um povo é legada às gerações futuras e inscrita na história. Privados da escola tradicional, proibida e combatida, para os filhos negros, a única possibilidade é o aprendizado do colonizador. Ora, a maior parte das crianças está nas ruas. E aquela que tem a oportunidade de ser acolhida não se salva: a memória que lhe ensinam é outra; os ancestrais africanos são substituídos por gauleses e francos de cabelos loiros e olhos azuis; os livros estudados lhe falam de um mundo totalmente estranho, da neve e do inverno que nunca viu, da história e da geografia das metrópoles; o mestre e a escola apresentam o universo muito diferente daquele que sempre a circundou.” (MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1986. p. 23).

Neste texto iremos fazer o cruzamento da realidade brasileira do suicídio de jovens negros com a teoria de Durkheim sobre o suicídio. Ou seja, iremos realizar uma relação dos dados sociais do IBGE com a teoria do referido pesquisador e suas conseqüências na sociedade brasileira tanto do passado como na atual. Por trás dessa realidade de desespero e de morte existe muito mais do que um simples desinteresse pela vida. Ao nosso parecer existe um desgosto pela situação de racismo a que as populações negras são submetidas no cotidiano. As mesmas não sofrem caladas. Há uma reação social ao tratamento que é dado aos negros e negras. Ao longo da nossa história as populações negras foram visivelmente marcadas pelo racismo que as impediu de ter acesso às escolas, clubes, cinemas, hotéis, barbearias, igrejas e outros espaços públicos. E essa realidade racista continua a se manifestar disfarçadamente nas brincadeiras e na depreciação do corpo do negro e da negra, ou numa valorização estereotipada dos mesmos. Isto também traz para as populações afro-brasileiras uma indiferença e apatia frente aos desafios sociais. O que muitos racistas chamam de acomodação dos negros, na verdade é a manifestação de desânimo frente às possibilidades que lhe são negadas. Onde todas ou quase todas as portas lhe são fechadas só lhe resta a procura por uma porta que o coloque fora desta realidade dura e insensível. E essa porta de entrada num mundo sem retorno a essa realidade é procura pela morte.

O suicídio é uma demonstração de como está a alma das populações negras, e os jovens negros são como que a ponta desse problema. Neste gesto extremo buscam um sentido que lhes é negado pela vida social. Entendem que pela morte poderão encontrá-lo. Desse modo, para eles/as a morte não é um problema, mas uma solução definitiva. E então, poderíamos nos perguntar: quais os meios disponíveis propostos pelas políticas públicas que poderiam proporcionar um alavancamento da auto estima dos jovens negros? A cidadania da qual deveriam participar os/as jovens negros/as lhes é facilitada ou é obstaculizada? Quais os entraves para que a cidadania das populações negras jovens seja vivenciada concretamente? Será que existe alguma relação entre o suicídio dos jovens negros na atualidade com o mesmo ato de negros no tempo da escravidão?

O trabalho está apenas começando. Esperamos que este nos ajude a reflexão e a uma proposta de atitude concreta que nos aponte possíveis respostas para a prática cidadã das populações jovens que sofrem com a discriminação racial. E uma das respostas possíveis para levantar a auto estima dessas populações afro brasileiras é o resgate da sua história com a apresentação de aspectos que visem

uma real apresentação dos negros e das negras que fizeram a história do Brasil. Desse aspecto, lança-se para uma criativa construção de medidas sócio-educativas procurando levantar a autoestima das crianças e jovens negros com o intuito de formalizar uma visão positiva sobre o ser negro num país onde essa cor de pele é desprezada.

### **Teorizando o suicídio em Durkheim**

Ao escrevermos sobre o suicídio em Émile Durkheim é importante termos presente o contexto social que poderá ilustrar sua argumentação sociológica. É necessário divagarmos um pouco sobre o tipo de sociedade presente no pensamento de Durkheim. Pois é desse pensamento sobre a sociedade que será elaborada a idéia de suicídio e sua relação com a sociedade. Mesmo que tenhamos liberdade de expressão individualmente, para a sociedade o que vale é a norma de conduta social do indivíduo. Não existe a pessoa individualmente. O que somos é a sociedade. Isto faz existir o fato social enquanto que manifestação das crenças, tendências, práticas sociais efetivadas individualmente e praticadas coletivamente. O indivíduo enquanto individualidade é uma abstração por este não ter criado a sociedade, mas quando o mesmo chegou ao seio social a mesma já existia.

O pensamento durkheimiano enxerga a sociedade a partir da divisão do trabalho onde a sua principal função é gerar solidariedade pela moral e não pela economia. Ou seja, o que gera a solidariedade social são as normas impostas aos indivíduos partindo de suas ideias e concepções sociais da realidade. A sociedade dá aos indivíduos os ditames sociais da boa convivência, dirige seus passos, formando assim sua personalidade não pessoal, mas social. Por personalidade de cada indivíduo compreende-se a maneira induzida de se viver papéis e *status* sociais. A consciência pessoal é dirigida e vigiada pela consciência social, onde aprendemos a viver nos grupos aos quais pertencemos. Na verdade, aprendemos a ocupar nosso papel social. O indivíduo pensa por si, obviamente, mas sempre a partir do substrato que lhe é fornecido pela sociedade. Quem sai desse parâmetro de ensinamentos para a vivência social sente-se excluído, e é punido pelas regras jurídicas repressivas.

A divisão social do trabalho obriga uma pessoa a depender de outra. E sendo assim, como uma célula do organismo biológico, não nos destruimos por

que temos dos outros indivíduos. Então podemos concordar que há uma coesão social na qual os seres sociais não existem isolados, sós. Um depende do outro para sobreviver. Portanto, na composição do tecido social existe uma mesma visão de 'salvação' do contexto no qual se está inserido. Isto é, sabendo-se dependente um do outro cada pessoa irá lutar para que o outro sobreviva na dependência entre os diferentes. A não divisão do trabalho resultaria num caos, numa patologia social. Desse modo, se faz importante que cada indivíduo garanta por sua parte o funcionamento normal da sociedade. É para isso que existe a educação moral na sociedade. É essa a função da moral social, ou seja, impedir a falência múltipla dos órgãos do corpo social. E nesse organismo social, como os órgãos no organismo biológico, a pessoa só se torna feliz se estiver integrada à sociedade. Sem sua integração ou solidariedade social o ser humano fica 'solto', individualizado e perde-se nas direções da conduta social. O suicídio não é sintoma de algo interno, íntimo, mas, de algo coletivo, socialmente enjambrado, construído. Acontece quando o indivíduo mantém relações desequilibradas com a sociedade na qual está inserido. Faltando os aspectos vistos acima que poderiam manter o equilíbrio social o indivíduo poderá apelar para o suicídio.

Na sua obra intitulada 'O Suicídio – Estudo de Sociologia' (1897), Émile Durkheim aborda o assunto do ponto de vista social e não psicológico ou a partir de outra área de estudo. O suicídio, no entender de Durkheim, tem motivações sociais e não individuais. É como um organismo humano com convulsões ou falhas. O mesmo acontecendo com a sociedade. A sociedade desequilibrada, com falhas, sem equilíbrio, encaminha o indivíduo ao suicídio. A sociedade existe para o equilíbrio plasmando as mentes das pessoas para tanto. Quando há falhas nas formas de manutenção da ordem aparecem as consequências sociais, como o suicídio. Do contrário, quando as pessoas estão integradas à sociedade, elas são felizes. Elas estão dentro daquilo que lhes é exigido pelas normas sociais. Tudo está equilibrado. Entretanto, no mesmo grau inverso, aparece o sofrimento, a falta de integração, e como resultado, o suicídio. A partir dessa percepção social, Durkheim classificou o suicídio em três tipos e suas combinações:

**O Suicídio Egoísta.** O indivíduo não se encontra suficientemente integrado à sociedade e por isso, sente-se fraco partindo para uma individualização de sua pessoa, isto é, o indivíduo se sente auto suficiente e a sociedade já não lhe basta. É o tipo de suicídio que se encontra com maior frequência. Pois é fruto de um estado de depressão e apatia, resultado de um individualismo exagerado.

[...] Quando não temos outro objetivo além de nós mesmos, não podemos escapar à idéia de que nossos esforços estão, afinal, destinados a se perder no nada, pois a ele devemos voltar. Mas, anulação nos apavora. Nessas condições não conseguimos ter coragem para viver, ou seja, para agir e lutar, uma vez que, de todo esse trabalho que temos, nada irá restar. [...] O egoísmo não é apenas um fator auxiliar dele (o suicídio); é uma causa geradora. Se, nesse caso, o vínculo que liga o homem à vida se solta, é porque o próprio vínculo que o liga à sociedade se afrouxou.<sup>2</sup>

Mas, nessa situação de egoísmo não se dá por conta da pessoa enquanto indivíduo, mas enquanto afrouxamento das organizações sociais como a família, a religião, e a política. O homem é deixado a si mesmo, aos seus desejos infinitos. É quando o indivíduo está só, prevalecendo sobre os aspectos sociais. E como estando só não tem o amparo necessário para sobreviver na sociedade, busca o suicídio como saída para o problema. O suicídio acontece na proporção inversa da integração social. Quanto mais isolado o homem estiver, quanto mais fracos estiverem os grupos sociais, mais propenso o indivíduo estará para o suicídio, pois esse estará sem nenhum ponto de apoio social e seu individualismo exacerbado gerará o suicídio.

**O suicídio Altruísta:** Podemos chamá-lo de suicídio da dependência, pois o Eu não se pertence. O indivíduo vive pela e para a sociedade. O indivíduo

se confunde com outra coisa que não ele, em que o pólo de sua conduta está situado fora dele, ou seja, em um dos grupos de que faz parte [...] O indivíduo aspira a se despojar de seu ser pessoal para mergulhar nessa outra coisa, que ele vê como sua verdadeira essência. Pouca importa o nome que lhe dê, é nela e apenas nela, que ele acredita existir, e é para existir que ele se inclina tão energicamente a se confundir com ela. Portanto, é porque o indivíduo se considera como não tendo existência própria. A impessoalidade, aqui, é levada ao seu máximo; é o altruísmo em estado agudo.<sup>3</sup>

Nesse tipo de suicídio Durkheim considera que o suicidar-se não é um gesto de loucura, mas de pura integração social. Isto é, no suicídio altruísta, a pessoa se sente tão ligada aos outros membros que dá seu próprio corpo para que a congregação dos indivíduos mantenha seu *status* tradicional social. Suicidar-se, nesse caso, é um dever social para manutenção dos códigos organizadores da vida em comunidade. A pessoa sente-se coagida a agir dessa forma para o bem do todo, o

<sup>2</sup> DURKHEIM, Émile. *O suicídio*. Estudo de sociologia. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 260 e 266.

<sup>3</sup> DURKHEIM, 2004, p. 265 e 280.

seu ego não se pertence, mas pertence à sociedade. Na verdade aqui está expressa uma atitude heróica de doação da vida pelos outros. E quem foge a essa doação, estará indo contra as normas preestabelecidas pelos chefes da sociedade a qual tal indivíduo pertence. Mesmo que esse tipo de suicídio seja colocado como modelo, nas comunidades primitivas, ainda hoje é possível ver o suicídio altruísta nos militares que expõem suas vidas nas guerras, não dando a mínima importância à sua perda. E isto motivado pela manutenção da soberania do seu país, ou seja, seu grupo ao qual está integrado.

**O suicídio anômico:** Esse tipo de suicídio é o que mais nos interessa por ser ele o motivador, na concepção durkeimiana, dos suicídios dos jovens negros por exclusão e discriminação social, ou seja, por anomia. Segundo Durkheim,

perseguir um fim inacessível por hipótese é, portanto, condenar-se a um perpétuo estado de descontentamento. Sem dúvida, às vezes o homem tem esperança sem qualquer razão, e, mesmo sem razão, a esperança tem suas alegrias. Pode ser, portanto, que ela o sustente por algum tempo; mas não poderia sobreviver indefinidamente às decepções reiteradas da experiência. Ora, o que o futuro pode dar mais do que o passado, uma vez que nunca é possível chegar a um estado em que possamos permanecer e que não podemos sequer nos aproximar do ideal vislumbrado?<sup>4</sup>

É a perda da esperança que pode levar um indivíduo ao suicídio anômico. As pessoas têm projetos, planos de vida, e quando esses são quebrados pelas mudanças sociais, os indivíduos perdem a integração social. Ao se desintegrarem, se perdem e ficam anômicos. E buscam o suicídio. É reflexo de uma sociedade sem rumo, sem regras claras que definam os papéis de cada pessoa.

No nosso caso de estudo, quando as populações negras buscam seus espaços sociais e os mesmos lhes são frustrados pela prática do racismo e da discriminação racial, chega-se ao desencanto social. O futuro acabou-se. As pessoas estão sem perspectivas de vida, sem vínculo com a coletividade. E a saída é o suicídio.<sup>5</sup>

<sup>4</sup> DURKHEIM, 2004, p. 314.

<sup>5</sup> Na fala de Durkheim: “O resultado é que eles não se ajustam à condição que lhes cabe e que sua própria perspectiva lhes é insuportável; daí os sofrimentos que os fazem desapegar-se de uma existência reduzida antes mesmo que a tenham experimentado.” (Durkheim, 2004, p. 320).

## Suicídio e baixa autoestima entre jovens negros.

Como já vimos anteriormente, a falta de integração social se dá a partir dos espaços sociais ocupados pelos indivíduos. É nesses espaços que surge a desintegração social do indivíduo. Quando isso acontece as pessoas se sentem excluídas e perdem sua motivação para continuarem existindo. Não há mais motivo para se lutar defendendo sua própria existência. A sociedade plasma as mentes para o equilíbrio. Caso ela falhe nessa tarefa, o indivíduo se desestrutura e forja sua retirada da mesma. Segundo Durkheim, quando há falhas nas formas de manutenção da ordem estabelecida pela sociedade aparecem os suicídios. O suicídio é expressão de um tipo de sofrimento que encontra na morte a resolução para a exclusão do meio no qual a pessoa se encontra marginalizada. É uma fala silenciosa à sociedade, um sinal de que a pessoa está dentro de um grupo formalmente estabelecido, mas simbolicamente sem laços firmes de inclusão. Daí que o suicídio é provocado pela sociedade e não pelo indivíduo particularmente, de forma individualista, como poderíamos julgar.

Com as populações jovens afro-brasileiras o que acabamos de ler faz todo o sentido. Pois, havendo falhas na manutenção da ordem social o suicídio torna-se a única saída viável para se colocar fim a um sofrimento que parece não ter limites, o racismo e as discriminações. Anteriormente ao suicídio, para os jovens negros de nossa estatística, aparece a baixa auto estima decorrente de como o mesmo enxerga o seu corpo e a relação do tal com a sociedade. Sabemos que a sociedade brasileira não enxerga com bons olhos o negro a partir de seu corpo. Corpo de negro é fedido, sujo, encardido, não bem vindo, etc. Desde o período em que os negros e as negras eram transportados como objetos para serem vendidos no outro lado do Atlântico seus corpos carregam a marca do desprezo e da vil maledicência.

### Nos porões dos navios em que eram transportados

faltava o próprio ar. A ração de comida não diferia da servida em terra firme, só que em alto mar se estragava com maior rapidez. A água era pouca, quente e com frequência podre. Os maus tratos prolongados: sujeira, ratos, piolhos, cegueira e sarna corroíam os corpos. A morte vinha pelo escorbuto, sarampo, bexiga e diarreias que dizimavam em média 10% dos embarcados. Em poucos dias, os corpos começavam a ser jogados no mar.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> SALLES, Ricardo & SOARES, Mariza de Carvalho. *Episódios de História afro-brasileira*. Rio de Janeiro: DP&A/Fase, 2005. p. 29.

E mais, em muitos casos, quando chegavam à terra firme e morriam nos portos eram sepultados de forma conjunta e sem a menor preocupação com os corpos, pois estava se enterrando ‘objetos’ e não pessoas humanas. Era uma verdadeira violência cultural. Quando desembarcavam no Rio de Janeiro, por exemplo, no Cemitério dos Pretos Novos, administração da Igreja Católica de Santa Rita, uma entidade que cobrava do Estado pelo serviço, não se dava a menor importância aos corpos dos negros mortos no desembarque dos navios na referida cidade. Os enterros eram realizados

em cova rasa, os corpos eram enterrados nus, envoltos e amarrados em esteiras, sem qualquer ritual religioso, reza, encomendação ou sacramento... os pretos novos, batizados ou não, eram enterrados do mesmo modo que muitos escravos baianos no século XVIII, ‘como se fossem brutos animais’... na cultura banto a morte era assunto muito sério para os indivíduos e, mais ainda, para a comunidade. Ela constituía um elo entre o mundo dos vivos e o sobrenatural. O morto, desde que inumado de acordo com os rituais, incorporava-se à comunhão dos antepassados, passava a integrar a cadeia que unia vivos e mortos. Sem o acompanhamento dos rituais fúnebres, ele se tornava um desgarrado, um sem lugar, ocupado permanentemente em atormentar seus parentes vivos. Pode-se imaginar a angústia que tal perspectiva despertava nos cativos, tanto mais dolorosa por vir na seqüência de outra dor maior, a da escravidão. Tanto sofriam os que iam morrer como os que sobreviviam, pois para ambos rompiam-se os laços sociais e culturais.<sup>7</sup>

Outros textos nos ajudam a entender o histórico do desrespeito dado ao corpo afro brasileiro evidenciando o seu lugar na sociedade. Pois havia, no período colonial, na cabeça dos observadores sociais a percepção da diferença dos tratamentos dados a um pobre e a um negro. Um observador alemão analisa que a gente mais pobre, ou pelo menos os negros,

é tratada com muito menos cerimônia nestes ritos supremos. Logo em seguida ao falecimento, costura-se o corpo dentro de uma roupa grosseira e envia-se uma intimação a um dos dois cemitérios a eles destinados para que enterre o corpo. Aparecem dois homens na rua, colocam um defunto numa espécie de rede, dependuram-na num pau e, carregando-a pelas extremidades, levam-no através das ruas tal como se estivessem a carregar uma qualquer coisa.<sup>8</sup>

E ainda,

<sup>7</sup> CARVALHO, José Murilo de. Prefácio. In.: PEREIRA, Júlio César Medeiros da Silva. *À flor da terra: o cemitério dos pretos novos no rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond: IPHAN, 2007, p. 11 – 12.

<sup>8</sup> LUCCOK, 1818, p. 39 *apud* PEREIRA, Júlio César Medeiros da Silva. *À flor da terra: o cemitério dos pretos novos no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond: IPHAN, 2007. p. 58 59.



se acontece de pelo caminho encontrarem com mais um ou dois que de forma idêntica estejam de partida para a mesma mansão horrível, põem-nos na mesma rede e levam-nos juntos para o cemitério. Abre-se transversalmente, ali, uma longa cova, com seis pés de largo e quatro ou cinco de fundos; os corpos são nela atirados sem cerimônia de espécie alguma, de atravessado e em pilhas, uns por cima dos outros, de maneira que a cabeça de um repousa sobre os pés do outro que lhe fica imediatamente por baixo e assim vai trabalhando o preto sacristão, que não pensa nem sente até encher a cova, quase que por inteiro; em seguida, põe terra até para cima do nível.<sup>9</sup>

Outro dado importante de se fazer referência eram os suicídios que os próprios negros cometiam para fugirem às torturas e ao sistema escravista e racista. O desequilíbrio social, ou seja, a falta de inserção do negro na sociedade, desde a sua prisão no continente africano, o fazia perder a referência social, levando-o a sentir-se excluído. E, portanto, pouco lhe interessava viver. O banzo era a mais conhecida forma de depressão em que entrava um negro/negra escravizado/a. Era o início do fim do sofrimento de ter que viver inserido/a nesse drama de abandono social e ter que produzir para que os brancos tivessem lucros com o seu trabalho.

Sua inconformidade com o sistema. Foi o mais triste e trágico tipo de rejeição – o banzo. O africano era afetado de uma patética paralisação da vontade de viver, uma perda definitiva de toda e qualquer esperança. Faltavam-lhe as energias, e assim ele, silencioso no seu desespero crescente, ia morrendo aos poucos, se acabando lentamente.<sup>10</sup>

Entretanto, o banzo já se manifestava no navio, quando estavam em alto mar e as populações roubadas da África já sentiam na própria pele a dor do sofrimento, do ser considerado como objeto e a dor do abandono. Na verdade, desde que eram perseguidos e capturados como animais já se sentiam objetos. Somadas a essa realidade, “as condições da viagem chegavam a levar alguns ao suicídio: punham o queixo entre os joelhos, tapavam os ouvidos com as mãos e assim permaneciam sem comer ou beber até morrer.”<sup>11</sup>

A partir dessas referências históricas é importante sempre que se faz alusão às políticas públicas para as populações empobrecidas se leve em consideração às

<sup>9</sup> Luccok, 1818, p. 39. É bom perceber também que a “desigualdade terrena espelha uma desigualdade nas práticas inumistas e nos locais de sepultamento, já que o local do sepultamento está carregado de implicações simbólicas forjadas ao longo do tempo pelos homens das mais variadas culturas.” (PEREIRA, 2007, p. 97).

<sup>10</sup> NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 58.

<sup>11</sup> SALLES & SOARES, 2005, p. 28.

especificidades que socialmente foram cunhadas e que fixadamente expressam o entender da sociedade para além do conceito de classe social. Isto é, quando se fala de negro e de pobre é bom ter presente que são dois pólos distintos que classificam e discriminam de modo específico. Uma coisa é ser um pobre branco, outra coisa é ser um negro, independente da classe social. Atualmente, esta realidade ainda difere e classifica os tratamentos sociais nos mais diversos âmbitos da sociedade.

Paralelo a esse preconceito estereotipado, construído socialmente sobre o corpo do afro brasileiro, temos os mitos sexuais da mulher negra e do homem negro. Nesse aspecto as fantasias sexuais invadem o imaginário da libido e demarcam o lugar social dos corpos negros.

No que se refere à análise e construção das imagens sobre a mulher negra, visualizadas na mídia, enxergamos o peso ideológico que apresenta fortes representações estereotipadas que exclui o negro, de modo geral, da boa representação relegando o mesmo a um espaço negativo quanto à sua visibilidade. O primeiro estereótipo da mulher negra é o da empregada doméstica, extremamente humilde e empobrecida, sem privacidade, mais que dependente das condições financeiras dos patrões. Podendo servir de namoradina às escondidas para o filho do patrão. Mesmo que seja considerada ‘da família’, é desprezada e muitas vezes humilhada, pois geralmente, não tem boa escolaridade. E a patroa ou o patrão não se interessam em permitir que a mesma estude, pois poderão perdê-la. O estereótipo seguinte é o da mulher quente e sedutora. Tem-se na imaginação popular que toda negra é ‘fogososa’. E que frequentemente dança quase nua servindo como objeto sexual.

Atualmente, e de forma muito rara está se difundindo uma imagem menos agressiva e mais condizente com a realidade concreta das mulheres negras que superaram o racismo e a discriminação e se apresentam como pessoas inteligentes, modernas, produtivas, exercendo profissões de médicas, cientistas, advogadas, doutoras, professoras universitárias. Estas raramente apresentadas pela mídia. É bom ainda salientar que mães e namoradas apresentadas em comerciais de TV, jornais e revistas são geralmente brancas. Basta pegar qualquer revista numa banca de jornal e folhear procurando pessoas negras nos quadros de propagandas que não se encontrará nenhuma ou apenas uma em toda a revista.

Já a fantasia sexual envolvendo o homem negro enquanto aspecto mitológico, simbólico, reza que todo homem negro tem ‘pegada’ forte e decisiva,

bem como pênis avantajado. A literatura e a videoteca têm a missão de transmitirem estas marcas sobre o homem negro. Mesmo que os estudos sobre gênero masculino, no Brasil, estejam apenas engatinhando, o que se sabe é que o homem negro é observado, desejado e faz parte da fantasia sexual de muitas mulheres brancas. Mas, será que essa demarcação da sexualidade do negro o valoriza e o põe em pé de igualdade social com o homem branco dignificando sua pessoa e alterando a visão negativa da sociedade brasileira sobre a população afro brasileira?

Na verdade, o mito que sexualiza o homem negro é o mesmo que o desqualifica e o rebaixa desqualificando-o. Infelizmente, parece que uma boa parte dos homens negros acredita neste estereótipo garantindo com ele certo *status* frente às mulheres e outros homens, principalmente, os brancos. O pênis do negro, historicamente, foi medido, pesado, esquadrinhado pelos estudiosos construtores do racismo, apresentado em formol causando frisson numa platéia com duplo sentimento: espanto e desejo.<sup>12</sup> “Além de ter seu pênis racializado, a inteligência do homem negro foi avaliada pelos europeus na proporção inversa de seu pênis.”<sup>13</sup>

Um homem negro não é um homem, antes ele é um negro e como tal não tem sexualidade, tem sexo, um sexo que desde muito cedo foi descrito no Brasil com atributo que o emasculava ao mesmo tempo em que o assemelhava a um animal em contraste com o homem branco. Este imaginário é perceptível no modo como a masculinidade é representada [socialmente]... O temor psíquico do negro macrofálico é retratado através de estereótipos que foram forjados durante longos anos até tornarem-se verdade...<sup>14</sup>

Enquanto isso, no que se refere à desqualificação estrutural da família negra o que temos é que as mulheres negras,

segundo as notícias dos jornais, não só matavam suas crianças como também seus maridos e amantes ‘por motivos passionais’ (confirmando nesse sentido a velha representação da ‘crioula sensual’). Assim, títulos como ‘O desaparecimento da crioula’ (Província de São Paulo, 9 de agosto de 1889) ou contos como o que saíra na Província, em 29 de agosto de 1890, só reafirmavam a imagem dominante da mulher negra

<sup>12</sup> FRIEDMAN, David M. *Uma mente própria*. A história cultural do pênis. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 98.

<sup>13</sup> SOUZA, Rolf Ribeiro de. *As representações do homem negro e suas conseqüências*. Disponível em: [http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/revista\\_forum\\_identidades/revistas/ARQ\\_FORUM\\_IND\\_6/DOSSIE\\_FORUM6\\_07.pdf](http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_6/DOSSIE_FORUM6_07.pdf) Acesso em: 20 abr. 2011. p. 100.

<sup>14</sup> FANON, Frantz. *Peles negras, máscaras brancas*. Rio de Janeiro: Fator, 1983. *apud* SOUZA, 2001, p. 100.

‘que expõe seus pés nus e seu corpo sem collete entrega-se de maneira condenável’. O homem de cor, por sua vez, era condenado em seu contato familiar não tanto pela infidelidade, mas antes por seus atos violentos, que atingiam tanto sua companheira como seus filhos.<sup>15</sup>

O modelo de estereótipo exaltado é o branco. Aliás, tudo o que é branco é melhor.

O negro brasileiro historicamente é vítima das idéias estereotipadas criadas sobre ele de fora para dentro da ‘raça’. Pelo prisma de uma sociedade maniqueísta e cartesiana, positivista e cristã, é automática a ligação mental entre signo e realidade: se as coisas estão pretas, estão ruins. A pomba da paz é branca. As coisas angelicais são alvas, a brancura é leve. O que é negro é o inferno, são os atos e o imaginário sobre as coisas demoníacas.<sup>16</sup>

Depois dessa leitura “é fácil saber porque o negro brasileiro não se gosta: quem é que gosta de se identificar, de bom grado, com uma pessoa inferior, feia, burra, fedorenta, derrotada, que nos dizem ser toda pessoa negra? Se fosse bom, até os brancos iriam gostar de ser chamados de negros.”<sup>17</sup>

Ninguém quer ser negro num país onde até o vocábulo que se presta para classificar etnicamente um grupo é designativo de tudo o que não presta. Os negros são os que mais morrem pela bala da polícia [...] são os que mais apanham da recessão e do desemprego, os que mais ocupam as celas dos manicômios e presídios (em São Paulo são abatidos antes), os que mais perambulam como crianças e adolescentes nas ruas, expostos à violência e às drogas. São os mais discriminados pela mídia.<sup>18</sup>

Como não concordar com Durkheim que o suicídio tem conseqüências plasmadas pela sociedade? Aqui entra a pesquisa do IBGE que parece confirmar a baixa auto estima dos jovens negros e conseqüentemente um *continuum* na execução dos suicídios para a saída desse sistema desequilibrado que não oferece espaços para a cidadania completa afro-brasileira. Não é difícil de imaginar um povo que na sociedade tem que fazer o dobro do esforço para alcançar o referencial comum com a auto estima reduzida ao pó. Isto cria um mecanismo de desvalorização de

---

<sup>15</sup> SCHWACZ, L. M. Retrato em branco e negro. São Paulo: Cia das Letras, 1987. p. 233 *apud* SANTOS, Gislene Aparecida dos Santos. *A invenção do ser negro: um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros*. São Paulo: EDUC/FAPESP; Rio de Janeiro: Pallas, 2002. p. 131.

<sup>16</sup> CONCEIÇÃO, Fernando. *Como fazer amor com um negro sem se cansar*. E outros textos para o debate contemporâneo da luta anti-racista no Brasil. São Paulo: Terceira Margem, 2005. p. 136.

<sup>17</sup> BENTES, Nilma. *Negritando*. Belém: Grafites, 1993. p. 35.

<sup>18</sup> CONCEIÇÃO, 2005, p.68.

seu jeito de ser que lhe dá a desconfiança de estar sempre fora do seu espaço e sempre fazendo a coisa errada, por melhor que seja em tudo o que realiza. As estatísticas do IBGE para o ano de 2011 sobre suicídio de jovens revelam literalmente que

o suicídio de brancos cresce 8,6% entre 2002 e 2008, enquanto o de negros aumenta 51,3%. Os jovens brancos apresentam a mesma taxa de suicídios que os brancos na população total (4,8 em 100 mil), mas os suicídios entre os jovens negros (4 em 100 mil) são maiores que na população total de negros (3,3 em 100 mil). Assim, a taxa entre os jovens brancos é 17,3% maior do que entre os jovens negros. Entre os jovens, o suicídio de brancos até cai levemente, -2,8%, enquanto entre negros o suicídio cresce 29,4%. No caso dos suicídios, não foi possível estimar as taxas, dado que as estimativas de população por raça/cor, inferidas a partir das matrizes da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE, originaram graves problemas de imputação, motivo pelo qual se decidiu trabalhar só com os números absolutos de suicídios do SIM. ... É possível observar que Unidades Federadas, como Paraíba, Rondônia e Santa Catarina, tiveram fortes incrementos nos suicídios negros, quando o normal nos suicídios brancos foram quedas estaduais.<sup>19</sup>

Não era de se estranhar para as populações afro brasileiras o que nos foi apresentado pelo IBGE. Queremos com estas abordagens salientar o que aquilo que está visível na sociedade, na verdade é expressão de algo interior à mesma. Ou seja, é fruto das relações sociais. Não existe nada solto, e individual, mas sim como manifestação dos contextos mais diversos possíveis. Não há um suicídio aleatório, mas sim impulsionado por alguma realidade mais abrangente e necessitada de uma tomada de postura que reverta a situação social de dor e de morte.

---

<sup>19</sup> WAISELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência 2011. Os jovens do Brasil. Disponível: <http://www.sangari.com/mapadaviolencia/pdf2011/MapaViolencia2011.pdf>* Acesso em: 20 abr. 2011. p. 145s. Paralelo aos índices de suicídios das populações de jovens negros e brancos, percebe-se também “os elevados níveis de vitimização negra. Indicador [homicídio] trabalhado a partir do ano 2002 evidencia um forte e preocupante crescimento. Se em 2002 morriam proporcionalmente 46% mais negros que brancos, esse percentual eleva-se para 67% em 2005 e mais ainda, para 103% em 2008. Assim, morrem proporcionalmente mais do dobro de negros do que brancos. E isso acontece porque, por um lado, as taxas de homicídio brancos caíram de 20, 6 homicídios em 100 mil brancos em 2002 para 15, 9 em 2008. Já entre os negros, as taxas subiram: de 30 em 100 mil negros em 2002 para 33,6 em 2008. Entre os jovens, esse processo de vitimização por raça/cor foi mais grave ainda. O diferencial (índice de vitimização) que em 2002 era também de 46% eleva-se para 78% em 2005 e pula para 127% em 2008. Mas, essas são médias nacionais. Esmiuçando os dados, vemos que há estados como Paraíba e Alagoas em que por cada jovem branco assassinado morrem proporcionalmente mais de 13 jovens negros (13 em alagoas, mas são 20 na Paraíba).” (WAISELFISZ, 2011, p. 154).

## Conclusão

Para a construção da cidadania para as populações afro brasileiras é importante lembrar-se de que essa realidade só se torna possível por um resgate de vínculos com a cultura negra. Isto equivale a dizer que a construção cidadã se dá na redescoberta dos valores negados e escondidos pela construção social de uma população afro brasileira subalterna e dependente dos favores sociais. Um dos passos mais indicado para essa realização, pode se dar pela religião. E aqui pela religião dos orixás, com a valorização das entidades negras respeitadas por seus atributos de personalidades definidas e que aumentam a autoestima da mesma população. Por exemplo,

na tradição de Ifá e no Candomblé, o orixá feminino Oxum é a força das águas dos rios e a encarnação da fertilidade e do amor, representando o impulso que mantém o equilíbrio e a harmonia do meio ambiente. Utilizar sua mitologia [...] significa compreender esse arquétipo e aprender com ele a capacidade de vencer as dificuldades com serenidade, amor, diplomacia e sabedoria. Oxum aqui é usada como exemplo de mulher poderosa. Seus atributos de beleza, dinamismo, confiança, auto estima, assim como seus poderes políticos, econômicos e de transformação, são a fonte para um exercício de construção de autoconfiança, e de amor próprio.”<sup>20</sup>

Quando as populações afro brasileiras se organizam para buscar exercitar a cidadania, isto se dá num contexto de referência ao uso da memória africana como resistência à discriminação racial. Portanto, o manejo do imaginário religioso no combate à falta de cidadania se traduz na construção da memória coletiva por meio da consciência da realidade. Assim, temos a superação da exclusão social e a inserção das camadas negras excluídas nos contextos de equilíbrio social, diminuindo ou extinguindo os índices de suicídios.

---

<sup>20</sup> QUEIROZ, Clécia Maria Aquino. A tradição africana e a contemporaneidade da performance arte: um modelo para adolescentes baianas. In.: CARVALHO, Marília Pinto de & PINTO, Regina Pahim. *Mulheres e desigualdades de gênero*. São Paulo: Contexto, 2008 (Série Justiça e Desenvolvimento/ IFP – FCC), p. 134 – 147. p. 141. E ainda, “a identidade afro-brasileira tem sido também afirmada e reforçada pelo candomblé, religião que tem em suas raízes as tradições de alguns povos africanos, especialmente as dos iorubás. Sua mitologia mostra comportamentos que refletem performances sagradas realizadas pelos orixás e que são repetidas no presente por seus seguidores.” (QUEIROZ, 2008, p. 135).

## Referências

- BENTES, Nilma. *Negritando*. Belém: Grafites, 1993.
- CARVALHO, José Murilo de. Prefácio. In.: PEREIRA, Júlio César Medeiros da Silva. *À flor da terra: o cemitério dos pretos novos no rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond: IPHAN, 2007, p. 11 – 12.
- CONCEIÇÃO, Fernando. *Como fazer amor com um negro sem se cansar*. E outros textos para o debate contemporâneo da luta anti-racista no Brasil. São Paulo: Terceira Margem, 2005.
- DURKHEIM, Émile. *O suicídio*. Estudo de sociologia. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FANON, Frantz. *Peles negras, máscaras brancas*. Rio de Janeiro: Fator, 1983.
- FRIEDMAN, David M. *Uma mente própria*. A história cultural do pênis. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LUCCOK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil tomadas durante uma estadia de dez anos nesse país de 1808 a 1818*. S/d.
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1986.
- NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- PEREIRA, Júlio César Medeiros da Silva. *À flor da terra: o cemitério dos pretos novos no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond: IPHAN, 2007.
- QUEIROZ, Clécia Maria Aquino. A tradição africana e a contemporaneidade da performance arte: um modelo para adolescentes baianas. In.: CARVALHO, Marília Pinto de & PINTO, Regina Pahim. *Mulheres e desigualdades de gênero*. São Paulo: Contexto, 2008 (Série Justiça e Desenvolvimento/ IFP – FCC), p. 134 – 147.
- SALLES, Ricardo & SOARES, Mariza de Carvalho. *Episódios de História afro-brasileira*. Rio de Janeiro: DP&A/Fase, 2005.

SANTOS, Gislene Aparecida dos Santos. *A invenção do ser negro: um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros*. São Paulo: EDUC/FAPESP; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

SOUZA, Rolf Ribeiro de. *As representações do homem negro e suas conseqüências*.

Disponível em:

[http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/revista\\_forum\\_identidades/revistas/ARQ\\_FORUM\\_IND\\_6/DOSSIE\\_FORUM6\\_07.pdf](http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_6/DOSSIE_FORUM6_07.pdf) Acesso em: 20 abr. 2011.

SCHWACZ, L. M. *Retrato em branco e negro*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência 2011. Os jovens do Brasil*. Disponível:

<http://www.sangari.com/mapadaviolencia/pdf2011/MapaViolencia2011.pdf>

Acesso em: 20 abr. 2011.

[recebido em: junho de 2012;

Aceito em: agosto de 2012]



## **O suicídio entre jovens negros na perspectiva Durkheimiana**

### **Resumo**

A teoria social de Durkheim sobre o suicídio nos ajuda a enxergar as questões problemáticas da sociedade e delas abstrairmos as suas conseqüências para as populações afro brasileiras. Numa análise da pesquisa do IBGE publicada em 2011 sobre o tema referido na teoria do autor citado é possível perceber um cruzamento que favoreça à idéia de que os jovens negros se suicidam mais do que os jovens brancos por causa de sua anomia social. Nosso objetivo nesse artigo é compararmos esse quadro social com a história das populações afro brasileiras e os estereótipos discriminatórios forjados pela sociedade. E como esses cooperam para os gráficos mostrarem a ascensão de tal causa morte entre os jovens negros.

### **Palavras-chave**

Suicídio. Durkheim. Corpo. Cidadania. Populações afro-brasileiras.

## **Suicide among young blacks under Durkheim's thought perspective**

### **Abstract**

Durkheim's social theory about suicide helps us to see the problematic issues of society and from them we can take consequences for the African-Brazilian populations. In an analysis of the IBGE survey published in 2011 on the subject mentioned in the theory of the author cited, it is possible to see a crossover that promotes the idea that young black men commit suicide more than young whites because of their social anomie. Our goal in this article is to compare this situation with the social history of African-Brazilian populations and discriminatory stereotypes forged by society. And to see how these graphics show together for the rise of such cause death among young blacks.

### **Keywords**

Suicide. Durkheim. Body. Citizenship. African-Brazilian populations.